

Médio Oriente

Que via seguir?

George Joffé

No final de Setembro, o secretário de Estado americano Colin Powell anunciou que a redacção da nova constituição iraquiana deveria estar concluída em seis meses. Tendo conta declarações prévias dos responsáveis americanos que apontavam para que a ocupação do Iraque poderia durar até quatro anos, a declaração de Powell representa uma enorme reviravolta.

A presente situação revela a crescente ansiedade de Washington de que a questão iraquiana, juntamente com a confusão na Palestina, possa entrar na agenda doméstica – e justamente no momento em que o Presidente Bush está a começar a sua campanha para a reeleição. Por trás desta crescente ansiedade da administração está, por um lado, a situação económica, com os receios de se alcançar o maior défice comercial e orçamental da história americana e com a prevista recuperação da economia a ter pouco impacto no mercado laboral.

A administração está numa encruzilhada dolorosa: deseja imenso baixar o défice comercial nas trocas com a China e o Japão – e por isso pede aos dois países para que deixem as respectivas moedas reforçarem-se em relação ao dólar – mas, ao mesmo tempo, depende deles para financiar o défice, através da conversão do surplus comercial de ambos em títulos do tesouro. Assim, o reforço das moedas chinesa e japonesa significa menor apoio externo aos défices internos – e isto numa altura em que o Congresso está tudo menos contente com os novos pedidos financeiros para o Iraque.

Este é, muito provavelmente, o problema central da administração Bush, sendo mesmo mais relevante do que a infindável sucessão de baixas americanas no Iraque. Está agora claro que outros Estados, independentemente das suas posições em relação à guerra, estão pouco dispostos a pagar a paz. A União Europeia, por exemplo, que Washington esperava que contribuísse com vários milhões de euros para a reconstrução, apenas vai dar um décimo do montante esperado, e outras ajudas financeiras serão diminutas. O Congresso, resumindo, terá que pagar a factura de 87 mil milhões de dólares para o próximo ano – precisamente o que o Presidente Bush tinha garantido que não aconteceria.

A vertente militar não está muito melhor. A recusa obsessiva de Donald Rumsfeld em aumentar o número de tropas deixou o Pentágono com o profundo dilema do policiamento do Iraque. O novo exército iraquiano, com 40,000 homens, e a polícia, com 28,000, não são adequados para cumprir essa função e, de qualquer forma, não estarão plenamente operacionais nos próximos dezoito meses. Circulam diversas propostas, desde a reactivação de parte do velho exército até à concessão de um papel mais activo às milícias, mas serão sempre medidas para tapar o buraco e, entretanto, as forças americanas vão ficando cada vez mais impopulares, à medida que procuram impor a ordem indiscriminadamente e se deparam com uma crescente resistência.

Para piorar ainda mais as coisas, o novo conselho governativo está a começar a endurecer as suas posições e a exigir um papel activo no governo. A autoridade provisória da coligação opõe-se fortemente a este reforço de poderes, apesar de o administrador Paul Bremer ter explicitado que só se oporia *in extremis* – como ficou demonstrado pela recente questão sobre as estações de televisão por satélite árabes, pois os americanos sabem bem os perigos de dar a impressão de que estão a exercer qualquer espécie de censura, por mais que não gostem da Al-Jazeera. O Conselho não está preparado para dar resposta ao pedido do Secretário de Estado de um rápido arranjo constitucional, que permitisse ao presidente Bush libertar-se do Iraque antes do início da campanha eleitoral, daqui a seis meses.

Os observadores externos concordam que a redacção de uma constituição para o Iraque, que contemple os interesses de todos sem criar, de facto, um domínio xiita, em substituição do passado controle sunita, e uma efectiva independência curda, intolerável para todos os estados vizinhos, será extremamente difícil. O Presidente Bush está prestes a aprender o que quer dizer «quem semeia ventos colhe tempestades» e a Rússia, a França e a Alemanha, por muito que gostassem de melhorar as relações com os Estados Unidos, não vão ajudar.